

A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX*

Elisabeth Juliska Rago**

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar a luta das primeiras mulheres médicas para ingressar num campo tradicionalmente masculino como o da medicina, na segunda metade do século XIX, focalizando médicas brasileiras. Mostra como as pioneiras enfrentaram as hostilidades e foram capazes de reverter as pressões políticas e sociais, criando as condições de ruptura do mundo masculino da medicina.

Palavras-chave: Mulheres Médicas, Campo Masculino da Medicina, Relações de Gênero.

* Recebido para publicação em dezembro de 2000.

** Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP.

Médicas brasileiras no século XIX

The Rupture of the Male World of Medicine:
the Brazilian Physicians of XIX Century

Abstract

This article aims to disclose women endeavors in challenging the man-dominated field of medicine of late 19th century, focusing on Brazilian physicians. It shows how they faced hostilities and were able to withstand political and social pressures setting the stage to break masculine full control of this field.

Key words: Women Doctors, Male Field in Medicine, Gender Relations.

Maria Augusta Generoso Estrela (1860-1943) e os demais passageiros do *Flamsteed*, o vapor que viajava da Ilha da Madeira rumo ao Rio de Janeiro, foram acometidos de um grande desespero quando a embarcação se chocou contra o *Blorimphon*, navio de origem inglesa. É provável que tenha sido imperícia do comandante Brown do *Flamsteed* que, atendendo aos sinais do vapor inglês para que lhe cedesse jornais recentes, aproximou-se demais do outro e perdendo o controle destruiu “alguns dos seus camarotes, fazendo um rombo no próprio casco”.¹ Extremamente constrangido com o que se passara, o comandante afastou-se rapidamente do vapor abalroado.

Maria Augusta havia completado 12 anos de idade naquele exato ano de 1872. Seu pai, Albino Augusto Generoso Estrela, um abastado português ligado ao ramo farmacêutico no Rio de Janeiro, teria sugerido à filha que o acompanhasse à Europa e na volta deixá-la-ia na casa de parentes estudando em Funchal, Ilha da Madeira. Seis meses depois, quando seu pai voltou para buscá-la, como combinado, a menina já sentia muita saudade da família, dos amigos e do Brasil. Jamais imaginaram que a viagem de volta ao Brasil seria tão tumultuada.

No calor do incidente, enquanto a tripulação do *Flamsteed* chorava e gritava, a menina tentava identificar entre os tripulantes se havia algum ferido, quem precisava de ajuda, enquanto o clima de tensão e medo aumentava cada vez mais. Tentando conter sua aflição mostrou-se tão prestativa quanto pode, surpreendendo a todos, principalmente por sua pouca idade.

Contudo, sua calma era aparente. O que mais a exasperava em meio àquela algaravia era a atitude inerte do comandante Brown. Todos os passageiros viam que o vapor estava afundando enquanto ele se recusava a pedir ajuda ao comandante do *Blorimphon*, afinal, o único que estava ali perto naquele imenso oceano.

¹ SILVA, Alberto. *A Primeira médica do Brasil*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1954. (nota 33)

Médicas brasileiras no século XIX

Resolutamente, Maria Augusta implora ao comandante que peça ajuda e sem perda de tempo.

“Vencido pelo apelo daquela menina, Brown manda parar as máquinas, solicita auxílio ao *Blorimphon* que se aproxima, fazendo-se de logo o transbordo de todos os passageiros, tripulação e bagagem. Momentos depois submergia-se o *Flamsteed*”²

A presença de espírito de Maria Augusta Generoso Estrela, aquela que haveria de se tornar a primeira médica brasileira, em 1881, ficaria, assim, indelevelmente gravada na mente dos tripulantes. A jovem estudante teria ficado conhecida no Rio de Janeiro, através da imprensa, pelo seu feito neste episódio.

Este registro enaltecedor da viagem da primeira médica brasileira encontra-se em uma nota de rodapé do livro do médico Alberto Silva, publicado em 1954, cujo título *A primeira médica do Brasil* está creditado a Rita Lobato Velho Lopes, formada em 1887, na Faculdade de Medicina da Bahia. Dentre as pioneiras da medicina brasileira, foi uma das únicas que mereceu um estudo mais completo até o presente. Trata-se de uma biografia minuciosa e laudatória sobre a primeira médica formada no Brasil.

Barros Vidal³, em *Precursoras Brasileiras*, publicado em 1955, representa uma voz discordante de Alberto Silva já que afirma no capítulo dedicado a Ermelinda Lopes de Vasconcelos, formada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1888, ter sido ela a primeira a obter um diploma de médica. Não há discordâncias em torno do terceiro lugar ocupado por Antonieta César Dias, formada em 1889, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Muito pouco se sabe sobre a trajetória da doutora

² ID, IB., p.34

³ VIDAL, Olímio Barros. *Precursoras Brasileiras*. Rio de Janeiro: A Noite, 1955, p. 207.

Vasconcelos e da doutora César Dias. As três médicas gaúchas defenderam teses para obtenção do grau de doutoras.⁴

A imagem de Maria Augusta Generoso Estrela, que nos é transmitida nas anotações de Alberto Silva, é a de uma personagem corajosa, portadora de uma vocação que antecede todo o seu percurso até se tornar médica. Desse modo, o autor constrói uma narrativa que evidencia uma linha de continuidade na trajetória da médica, *cujo dom de salvar se fez presente desde muito cedo*.

Outras referências sobre a médica carioca estão presentes em duas ou três páginas de dois livros voltados à compreensão d' *A Mulher Brasileira e suas Lutas Sociais e Políticas (1850-1937)* de June Hahner⁵ e *Emancipating the Female Sex – the struggle for women's rights in Brasil (1850-1940)*⁶, da mesma autora. Neste último estudo não traduzido ainda para o português, a autora faz referência às pioneiras da medicina no Brasil, resgatando excertos de jornais da época, como *A Mulher (1881)*, *America Illustrada (1881)* *O Sexo feminino (1884)*, que nos mostram pequenos episódios desta história da inserção das mulheres na medicina brasileira que ainda resta por ser descortinada. Pelo menos temos acesso aos nomes das pioneiras da medicina brasileira... DUBY, referindo-se à Idade Média, aponta para as inúmeras lacunas contidas nos documentos de uma época na qual apenas os homens desse tempo são um tanto visíveis e escondem o resto, nomeadamente, as mulheres.⁷

⁴ Rita Lobato Velho Lopes, defendeu uma tese sobre “Paralelo entre os métodos preconizados na operação cesariana” (1887); Ermelinda Lopes de Vasconcelos sobre “Formas clínicas das meningites na criança: diagnóstico diferencial” (1888) e a tese de Antonieta César Dias versou sobre “Hemorragia Puerperal” (1889).

⁵ HAHNER, June E. *A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

⁶ ID, E. *Emancipating the female Sex: the struggle for women's rights in Brasil – 1850-1940*. Durham and London: 1990. p. 56-8.

⁷ DUBY, Georges. *As Damas do Século XII - Heloísa, Leonor, Isolda e algumas outras*. Lisboa: Teorema, 1995, p.8.

Médicas brasileiras no século XIX

Com efeito, pouco se sabe da trajetória seguida pelas inúmeras estudantes de medicina da Escola de Salerno. Há apenas a referência de que havia estudantes de medicina do sexo feminino no conceituado livro sobre *A História da Medicina*,⁸ mas o único nome ali estampado é o de Trótula e suas obras. Apesar da exigüidade de dados, alguns estudos mostram que as mulheres praticaram a medicina e a obstetrícia desde a antiguidade.

A doutora Generoso Estrela é entendida por Hahner como uma feminista brasileira que lutou pelos direitos civis das mulheres, tendo exercido influência nos debates travados pela intelectualidade brasileira do século XIX que levaram D. Pedro II a assinar a Reforma Leôncio de Carvalho, decreto n.º 7247, abrindo as portas do ensino superior às mulheres no Brasil, em 19 de abril de 1879. Segundo a autora, a primeira médica brasileira, formada nos Estados Unidos, foi fonte de inspiração para outras mulheres dispostas a enfrentar um mundo masculino e hostil à entrada de mulheres nesse universo. Hahner mostra também que as mulheres pertencentes às elites dominantes brasileiras, que almejavam ser médicas, defrontaram-se com os preconceitos dos homens de sua própria classe social.

Em meados do século XIX, a oposição às mulheres que optavam pela medicina era muito maior do que aquela feita em relação às profissões de menor prestígio como a enfermagem e o magistério. Mott constatou que muitas pioneiras da medicina, em fins século XIX e início do século XX, como Carlota Pereira de Queiroz, Maria Rennotte e outras médicas brasileiras ou estrangeiras,

fizeram o curso de magistério antes de se diplomarem em medicina e mudaram de profissão com 30 anos de idade ou

⁸ MARGOTTA, Roberto. *The History of Medicine*. London: Paul Lewis, Institute of Neurology, 1996.

mais. A atividade de professora era uma das poucas profissões considerada respeitável para mulheres⁹.

O magistério apresentava tanto a possibilidade de “preparar moças para o papel de mãe de família” como “abria caminhos para aquelas que desejassem realização profissional ou alçar vôos mais altos”, afirma Mott.

Retomando as informações fornecidas por Silva e Hahner podemos visualizar alguns detalhes interessantes sobre a escolha profissional de Maria Augusta Generoso Estrela.

Passado algum tempo depois da agitada viagem de 1872, quando a rotina de vida da família Estrela parecia restabelecida, o Sr. Generoso Estrela, totalmente absorto em suas preocupações de homem de negócios, foi abordado pela filha que lhe fizera conhecer seus planos de estudar medicina.

No Brasil, naquele ano de 1874, as mulheres não podiam freqüentar os cursos superiores. Ocorre que o governo provincial vinha discutindo a questão da instrução para o sexo feminino, cujo currículo era extremamente limitado. Já na Constituição de 1823¹⁰ essa idéia estava presente, contudo, o ensino superior continuaria vetado às moças brasileiras até a aprovação da Reforma Leôncio de Carvalho em 1879.

Albino Generoso Estrela pediu a filha que não se preocupasse tanto com o futuro, além disso, a medicina não era uma profissão apropriada para mulheres. Porém, ao que parece, Maria Augusta Generoso Estrela já estava decidida a estudar medicina.

Assim como outras moças pertencentes a famílias abastadas, a estudante carioca tinha acesso a jornais e revistas nacionais e estrangeiras. Lendo um artigo publicado em *O Novo Mundo*,

⁹ MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Maria Renotte, uma médica paulista no início do século*. In: *Médicis: cultura, ciência e saúde*. Ano 2 – Edição n.º 7 – Nov./Dez. de 2000, p. 44.

¹⁰ SAFFIOTI, Heleieth I.B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 191.

jornal brasileiro editado em Nova York¹¹, Maria Augusta soube da formatura de uma norte-americana numa faculdade de medicina. Sabe-se também do encantamento provocado pela leitura de revistas norte-americanas “que lhe chegavam às mãos revelando a perspectiva aberta às mulheres com a aquisição de um diploma liberal”.¹² Ela completaria 15 anos, em 1875 e, portanto, era preciso que seu pai refletisse sobre o seu desejo de se tornar médica.

Sempre que pode, seu progenitor apoiou as iniciativas da menina, mas, desta vez, ele teria de convencê-la a mudar de idéia. Afinal, Maria Augusta ainda era muito jovem para viver sozinha por tanto tempo, num país estranho além de ser elevadíssimo o custo de estudar numa faculdade no exterior naquela época.

Os argumentos de Maria Augusta Estrela venceram a resistência do pai. A jovem carioca embarcou para os Estados Unidos em 1875, com apenas 15 anos de idade, para inscrever-se no curso preparatório, na Academia St. Louis, em Oswego, que a levaria ao New York Medical College and Hospital for Women, onde se formou no dia 29 de março de 1881.

Anos mais tarde, ainda morando em Nova York, Maria Augusta Generoso Estrela escreveu ao seu pai, mostrando ter plena consciência da responsabilidade que lhe aguardava:

Peço a Deus que você esteja aqui, Papai, nessa ocasião, para ser o primeiro a me abraçar e me congratular por ter me tornado a primeira mulher médica brasileira... Depois, eu voltarei ao nosso querido e jamais esquecido Brasil – para curar, de graça, todos os pobres, as pessoas doentes do meu sexo... Jamais, em momento algum, me arrependi de abraçar essa profissão: quanto mais eu estudo, maior é o meu desejo de aprender.¹³

¹¹ HAHNER, June E. *Emancipating the female sex...* Op.cit. p.56.

¹² SILVA, Alberto. *A Primeira médica no Brasil*. Op. cit. nota 35, p.34.

¹³ HAHNER, June E. *Emancipating the female sex...* op. cit. p.57.

Nesse discurso, a médica deixa transparecer seu vínculo com “as do meu sexo” ou uma sensibilidade à condição feminina. Quanto ao seu desejo de abraçar o pai, este não se realizou, pois ele faleceu sem que a visse formada. A doutora Generoso Estrela estendeu sua permanência por mais um ano em Nova York, trabalhando em hospitais e fazendo cursos de especialização, contando sempre com a ajuda de D. Pedro II a quem agradeceu pessoalmente quando voltou ao Brasil. É provável que parte do êxito obtido pela médica se deva a ajuda oficial recebida do imperador que lhe concedeu a primeira bolsa de estudos outorgada a um estudante brasileiro.

Há uma referência sobre o episódio do retorno da médica ao Brasil, num artigo de Simões,¹⁴ descrito em termos melodramáticos, afirmando que a doutora Maria Augusta Generoso Estrela “vivenciou preconceitos e desilusões porque havia ‘uma pedra no caminho...’ inarredável: a equivalência do diploma e conseqüente impossibilidade de trabalhar”. Creio que o exercício da prática médica tenha sido obstaculizado apenas temporariamente, uma vez que a médica teve a revalidação do seu diploma, após aprovação nos exames a que se submetera, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro¹⁵, tornando-se muito conceituada naquela cidade onde viveu e trabalhou. Casou-se em 1884 com Antônio da Costa Moraes, farmacêutico, com quem teve quatro filhos. Faleceu em 1946, naquela cidade, aos 86 anos de idade.

¹⁴ SIMÕES DE PAULA, M. Regina. “A primeira médica brasileira”. In: *D. O. Leitura*, Abril, 1988.

¹⁵ De acordo com o artigo 22 do decreto n. 7247 de 19 de abril de 1879, que trata da reforma do ensino primário e secundário do Município da Côrte e o superior em todo o Império: *Nenhum doutor ou bacharel em medicina ou cirurgia de instituições médicas estrangeiras poderá assinar, anunciar ou dizer-se formado pelas faculdades do Império sem que faça todos os exames exigidos aos estudantes graduados nas mesmas Faculdades*. In: Barbosa, Rui. *Obras Completas. Reforma do Ensino Secundário e Superior*, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro: 1942, p.301.

Médicas brasileiras no século XIX

Na década de 1980, a médica foi homenageada pela Prefeitura e Câmara Municipal do Rio de Janeiro. O Centro Municipal de Saúde de Vila Isabel recebeu o seu nome. Além disso, o bairro de Bangu homenageou-a dando o nome de Maria Augusta Generoso Estrela a uma avenida¹⁶.

Em meados do século XIX a sociedade brasileira apresentava um quadro contraditório sobre a mulher. Como nos mostra Sohiet,

De um lado aquele que promove a deificação da mulher, 'veiculada no estereótipo de santidade da maternidade', enquanto o outro pólo produz 'paradoxalmente' o ataque, a execração, a hostilidade, a visão da mulher como um ser 'perigoso', 'histérico', 'amoral', e 'potencialmente criminoso'. Além disso, a solidão estaria reservada às mulheres que se aventurassem a uma instrução elevada...¹⁷

Para além da questão ideológica, há que se lembrar que o Rio de Janeiro era o maior centro urbano da época, além de ser uma cidade portuária, o que facilitava o comércio dos produtos, numa época em que as atividades econômicas vinham se diversificando frente à industrialização e o conseqüente processo de urbanização. Os papéis sociais da mulher deveriam corresponder às mudanças verificadas na base material da sociedade brasileira de fins do século XIX. Além disso, as camadas superiores da população vivendo nos grandes centros urbanos brasileiros, influenciadas pela cultura européia, almejavam uma elevação na qualidade do ensino em geral, bastante precário tanto nas escolas particulares quanto na rede oficial. Saffioti afirma que,

Com a urbanização e a industrialização, a vida feminina ganha novas dimensões não porque a mulher tivesse passado a desempenhar funções econômicas, mas em

¹⁶ SHUMAHER, Shuma e Brazil, Érico V. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 368.

¹⁷ SOIHET, Raquel. *Condição feminina e Formas de Violência: mulheres pobres e ordem urbana – 1890-1929*. Rio de Janeiro: Forense, 1989, pp. 108-9.

virtude de se terem alterado profundamente os seus papéis,
no mundo econômico.¹⁸

Algumas mudanças, portanto, foram introduzidas no sistema de ensino para mulheres, em meados do século, em conformidade com a redefinição dos papéis femininos da sociedade que se modernizava.

A questão da emancipação civil e social da mulher brasileira também vinha suscitando acirrado debate entre a intelectualidade brasileira do período que estamos estudando.

Em Pernambuco, a polêmica entre as concepções liberais e as evolucionistas – que atribuíam a inferioridade das mulheres às razões biológicas – foi reavivada pela petição de “uma menina inteligente”, nas palavras de Tobias Barreto, referindo-se a Josefa Águeda Felisbella Mercedes de Oliveira, nascida em Pernambuco no dia 13 de fevereiro de 1864.

No dia 22 de março de 1879, em sessão na Assembléia Provincial de Pernambuco, o deputado e jurista liberal Tobias Barreto¹⁹ defendeu a petição movida por outro republicano, o advogado e jornalista Clodoaldo Alves de Oliveira, solicitando recursos para a filha estudar medicina nos Estados Unidos, já que ainda não havia permissão legal para as moças cursarem as faculdades naquele momento, liberação que ocorreria no mês seguinte.

O advogado soube compreender as aspirações da filha que optara pela profissão de médica. Solicitou ao governo da Província subvenção para custear os estudos de Josefa Águeda, mas seu pedido foi recusado pelo deputado Malaquias Gonçalves. Mesmo assim, Josefa Águeda embarcou para os Estados Unidos a fim de estudar medicina.

Conhecido médico e cirurgião, o Dr. Gonçalves era totalmente contrário à instrução superior para mulheres a quem

¹⁸ SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes...* op. cit. p. 179.

¹⁹ BARRETO, Tobias. *Estudos de Sociologia*. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura, 1962.

julgava desprovidas de capacidade física e intelectual para um estudo como o da medicina. Vale lembrar, o saber médico colaborou, de modo decisivo, para a construção de um modelo de ciência que naturaliza o feminino, propugnando que a anatomia é o destino social das mulheres.

Influenciado pelas idéias evolucionistas de Herbert Spencer, que se apoiara na física e na biologia para construir sua teoria da diferença sexual, o Dr. Malaquias Gonçalves também justificava a inferioridade intelectual das mulheres buscando sua legitimidade no modelo científico spenceriano. Como mostrou Rago,

Todas essas teorias sobre a condição feminina primaram por referendar o mito da inferioridade biológica mulher, muito embora tivessem sido apropriadas ambigualmente. Serviram tanto para preservar os estereótipos da feminilidade instituídos e, conseqüentemente, justificar a exclusão da mulher dos espaços masculinos de atuação social, quanto para defender seu direito de cidadania e de participação em igualdade de condições com os homens.²⁰

Tobias Barreto discordando das teorias baseadas no tamanho do cérebro, defendidas pelo Dr. Malaquias desqualifica o determinismo biológico por ser uma teoria decrépita, *sem razão de ser*.. O jurista republicano, num discurso eloqüente, mostra ao seu adversário que:

Foi em dezembro de 1867, que na Europa se deu o primeiro impulso para um dos maiores movimentos dos tempos modernos, sendo conferido a uma mulher, em ato solene, o grau de doutôra em medicina por uma universidade célebre, a universidade de Zúrick. Essa mulher é uma russa e seu nome Nadeschda Suslowa.²¹

Apesar das suas tentativas para provar o equívoco daquela teoria tão cara ao Dr. Malaquias Gonçalves, e que seria filha

²⁰ RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 149.

²¹ BARRETO, Tobias. Op. cit., p. 66.

bastarda do dogma impertinente do pecado original, além de outros argumentos contundentes, Tobias Barreto foi derrotado nesse embate.

Contrastando com as convicções do médico, Tobias Barreto julgava que a inferioridade da mulher seria apenas uma consequência da reclusão ao lar a que estavam submetidas, papel que lhes fora impingido pela sociedade brasileira. O advogado que havia editado um jornal em alemão, em Pernambuco no século XIX, foi um defensor da emancipação civil e social das mulheres, ainda que não aceitasse sua emancipação política. Segundo ele, o sexo feminino não estaria ainda suficientemente maduro para o exercício de cargos públicos.

O veto à petição de Josefa Águeda Felisbela Mercedes de Oliveira expressa bem o exercício do poder masculino e a hierarquia existentes nas relações de gênero na sociedade brasileira no período considerado. Segundo Scott, “... gênero é uma forma primordial de dar significado às relações de poder”.²² O gênero não se constitui como *um único campo*, ou seja, não representa o único elemento constitutivo das relações sociais, uma vez que estas são perpassadas por outros antagonismos, tais como, a classe *social e a raça*. O conceito de gênero, enquanto categoria relacional, histórica e uma perspectiva de análise, permite compreender o processo de construção social da mulher fundamentado nas diferenças sexuais (e de outras categorias sociais discriminadas), pelo cruzamento dessas contradições acima apontadas. Além disso, possibilita o questionamento das relações de poder presentes em todas as relações humanas. Referindo-se às desigualdades entre os gêneros, Saffioti lembra que “...as diferenças entre homens e mulheres têm sido sistematicamente

²² SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Mulher e realidade: mulher e educação*. Porto Alegre, Vozes, v.16, n.º 2, julho/dez, 1995, pp. 71-99.

convertidas em desigualdades em detrimento do gênero feminino.”²³

Retomando a controvérsia entre Tobias Barreto e o Dr. Malaquias, sabe-se que nem mesmo a presença de Josefa Águeda de Oliveira dizendo: “Concedam-me uma bolsa de estudos e serei útil a minha província”²⁴ sensibilizou o médico. Firme em suas convicções baseadas na inferioridade biológica da mulher, o ilustre deputado de Pernambuco vetou o pedido da estudante. Como mostrou Johnson, “O sexismo é mais que mero preconceito: é preconceito mais o poder de agir de acordo com ele”.²⁵

Uma situação como a descrita acima constitui expressão da organização social de gênero e do patriarcado. Seria interessante retomarmos, ainda que brevemente, a concepção de gênero de Joan Scott na qual estão presentes símbolos culturais (ou representações simbólicas), conceitos normativos (“doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas e jurídicas”), organizações e instituições sociais e a construção de uma identidade subjetiva.²⁶

O poder ocupa um lugar privilegiado na concepção de gênero da historiadora. Scott argumenta que alguns “pesquisadores/as, principalmente os antropólogos, têm restringido o uso do gênero ao sistema de parentesco”.²⁷ Entretanto, a análise histórica deveria incorporar simultaneamente “uma concepção de política bem como uma referência às

²³ SAFFIOTI, Heleieth I. B. O estatuto teórico da violência de gênero. In: Santos, José Vicente Tavares (org.) *Violência em tempo de globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 156.

²⁴ HAHNER, June E. *Emancipating...* op.cit. p.58.

²⁵ Apud SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero e Patriarcado*. (mimeo) São Paulo: 2000, p. 56.

²⁶ SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Op. cit. pp. 86-88.

²⁷ Id. Ib p. 87.

instituições e à organização social (...)”.²⁸ Nesta perspectiva, o gênero é construído igualmente na economia e na organização política. A historiadora ressalta que, nas sociedades complexas e modernas, o mercado de trabalho (“um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte do processo de construção do gênero”), a educação (“as instituições de educação somente masculinas, não mistas ou de co-educação fazem parte do mesmo processo”), o sistema político (“o sufrágio universal masculino faz parte do processo de construção do gênero”).²⁹

Por outro lado, Saffioti afirma ser necessária a utilização simultânea do conceito de gênero e patriarcado no campo das pesquisas de gênero. A autora introduz o conceito de patriarcado enquanto sistema de *dominação-exploração*, enfatizando que as relações sociais contraditórias típicas da formação anterior podem ressurgir, ainda que de forma *estiolada*, no modo de produção capitalista. Em suas palavras

“(...) o advento do capitalismo, de certa forma, traz em seu bojo as determinações e contradições das sociedades anteriores, embora estas sejam de difícil reconhecimento na medida em que se apresentam sob novas formas e interação de maneira inédita com as determinações do MPC”.³⁰

O patriarcado e o racismo são reproduzidos como dimensões inscritas na formação social capitalista e não como formas ilhadas das relações sociais de produção. A autora articula o patriarcado com o capitalismo e o racismo como um único sistema de *exploração-dominação*, uma vez que o primeiro e o segundo assumem a forma de uma “simbiose da qual participam também o modo de produção e o racismo” e não apenas como esquema de dominação inscrito na esfera política. Não atribui,

²⁸ ID. IB.

²⁹ ID. IB.

³⁰ SAFFIOTI, Heleieth I. B. Força de trabalho feminina no Brasil: no interior das cifras. In *Perspectiva*, 8:95-141, São Paulo, 1985.

Médicas brasileiras no século XIX

desse modo, nenhuma autonomia aos sistemas de dominação, que juntos formam um só sistema, uno e contraditório, uma vez que:

Na realidade concreta, eles são inseparáveis, pois se transformaram, através desse processo simbiótico em um único sistema de dominação-exploração, aqui denominado patriarcado-racismo-capitalismo³¹

Segue-se destas considerações acima expostas, que as dicotomias presentes na organização social de gênero organizam a vida social e forjam os preconceitos em torno das diferenças sexuais. Sabe-se que as análises de gênero rejeitam o caráter fixo das oposições binárias como masculino *versus* feminino, natureza *versus* cultura, razão *versus* emoção, corpo *versus* alma por serem construções culturais. Além disso, não sendo o poder um atributo masculino ou feminino este pode ser deslocado em função de estratégias políticas de luta pela distribuição/conquista do poder.³²

Isto posto, retomemos outras referências encontradas sobre a médica pernambucana. Apesar de todos os obstáculos, Josefa Águeda de Oliveira, algum tempo depois, durante a administração de José Liberto Barroso, republicano e defensor dos direitos civis da mulher, recebeu um auxílio para continuar seus estudos no exterior.³³

Formada em 1881, no mesmo ano em que se diplomou Maria Augusta Generoso Estrela, não há dados que mostrem sua trajetória depois do seu retorno ao Recife.

Como já divulgado no *Dicionário de Mulheres do Brasil*, recentemente publicado, a médica escreveu o livro *O Dever*, em 1880. Traz, ainda, o registro da carta enviada em 10 de setembro

³¹ SAFFIOTI, H.I.B. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987, p. 60.

³² SAFFIOTI, Heleieth I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: Costa, Albertina de O. e Bruschini Cristina (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

³³ HAHNER, June E. *Emancipating the female Sex...* op. cit, p. 58

de 1882 a um jornal pernambucano *America Illustrada*, no qual “Josefa defende a importância da educação superior para as mulheres, contra comentários maldosos, surgidos na imprensa brasileira que descreviam as mulheres formadas como ‘ébricas e desprovidas de moral’. Ela manifesta sua indignação num protesto: Sou formada em medicina, como tal recebi uma educação superior, e até o presente não desacreditei esta educação que recebi e a posição que ocupo na sociedade.”³⁴

Josefa Águeda Felisbela Mercedes de Oliveira e Maria Augusta Generoso Estrela conheceram-se no New York Medical College for Women, onde estudavam. O *Dicionário Mulheres do Brasil*, já mencionado, atesta que ambas se tornaram amigas e trocaram intensa correspondência por mais de 20 anos. Adotando as mesmas convicções feministas, que enfatizavam a necessidade da educação superior para as mulheres, publicaram em 1881, o jornal literário *A Mulher*, em Nova York e distribuído nas principais capitais brasileiras.

A *Mulher* fora “projetado para convencer as mulheres brasileiras de suas aptidões latentes, e para mostrar que ‘tanto a mulher como o homem se podem dedicar ao estudo das sciencias’”.³⁵ E, num outro número do jornal *A Mulher*, as duas estudantes expressaram a idéia da vantagem da escolha da profissão de médicas tanto para as mulheres quanto para a sociedade, “mostrando que mulheres médicas gentis podiam inspirar a confiança das pacientes que, no Brasil, freqüentemente relutavam em expor seus corpos e seus males aos médicos”.³⁶

O ensaio de Mott sobre a doutora Maria Renotte mostra que a médica também julgava ser a medicina uma profissão adequada para mulheres, tanto por seus atributos femininos quanto pela moral tradicional vigente à época. Assim,

³⁴ SHUMAHER, Shuma e BRAZIL, Érico V. *Dicionário Mulheres do Brasil...*op.cit. p.299.

³⁵ HAHNER, June E. *A mulher brasileira...* op. cit.p.68.

³⁶ Id. *Emancipating...* op. cit. p.59-60.

Médicas brasileiras no século XIX

defendia o exercício da medicina pelas mulheres, por sua delicadeza, maior aptidão e sensibilidade para determinadas especialidades médicas e o próprio pudor de muitas pacientes que preferiam ficar sem tratamento a serem examinadas por um homem.³⁷

Ainda que estes fragmentos da história da participação das mulheres na medicina nos permitam apenas aproximações dos acontecimentos vivenciados pelas pioneiras, percebe-se que elas se distanciavam daquela imagem construída para a mulher pela ideologia da domesticidade, legitimada pelas teorias evolucionistas e negadoras de suas capacidades físicas e intelectuais.

As pioneiras da medicina questionaram corajosamente as estruturas de poder ao transgredirem normas sociais, institucionais e culturais. As médicas que viveram na segunda metade do século XIX, sofreram todo tipo de pressão social para que se mantivessem afastadas da medicina, ainda que não estivessem excluídas legalmente dos cursos depois de 1879.

Em 1889, uma peça teatral escrita por Joaquim José de França Junior, *As Doutoradas*, encenada no Rio de Janeiro por vários meses, foi expressão dessa forte oposição ao ingresso de mulheres na profissão médica.³⁸ A comédia seria uma tentativa de ridicularizar as médicas brasileiras.

O biógrafo de Rita Lobato nos revela um desconcertante episódio ocorrido logo após a formatura de Ermelinda Lopes de Vasconcelos. Segundo o autor, a médica formou-se com “distinção” havendo “enorme alarido em torno do fato.”³⁹ Neste contexto de prós e contras a formatura de uma mulher médica, que circula um artigo intitulado *Machona*, assinado por Silvio Romero, que não representava, como se sabe, uma voz isolada

³⁷ MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Maria Renotte, uma médica...* op.cit. p.44

³⁸ HAHNER, June E. *A mulher brasileira...* op.cit.p.74.

³⁹ SILVA, Alberto. *A primeira médica...* op. cit. p.57

com relação à profissão de médica: Fique certa a doutora que os seus pés de Machona não pisarão jamais o meu lar.⁴⁰

Segundo a narrativa do médico, a jovem sofreu imensamente ao ler o artigo. No entanto, por ironia, o historiador da literatura brasileira foi obrigado a recorrer a uma reputada médica vinte e cinco anos depois, pedindo-lhe que viesse a sua casa em auxílio de sua mulher que estava prestes a dar à luz. A doutora Ermelinda Vasconcelos, certamente, o atendeu.

Sílvio Romero, completamente esquecido do que havia escrito pediu-lhe um desconto e permissão para pagar-lhe à prestação. Contrariando conhecidos estereótipos de feminilidade, a doutora não perdeu a chance de lhe responder: O senhor me pagará caro e de uma vez! entregando-lhe um envelope contendo o referido artigo.⁴¹

Barros Vidal⁴², obteve um depoimento semelhante do doutor Teixeira de Freitas, discípulo de Sílvio Romero e amigo da doutora Ermelinda Lopes de Vasconcelos sobre o caso, acrescentando que “a senhora Berta (sic) Lutz também o teria divulgado na América do Norte”.⁴³ Ao que tudo indica, não foi este o único entrevero da doutora Vasconcelos com Sílvio Romero. Depois de muita luta para obter o consentimento de seu pai para estudar medicina, segundo Vidal, a jovem Ermelinda conseguiu matricular-se em 25 de abril de 1884, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Entretanto, restavam dois exames por fazer antes de iniciar o curso de medicina, o de filosofia e o de latim, que se realizaram no Colégio D. Pedro II, sendo presidente da banca examinadora Sílvio Romero. Nas palavras de Barros Vidal,

⁴⁰ ID., IB., p.57, nota 25

⁴¹ ID. IB. p.57

⁴² VIDAL, Olímio Barros. *Precursoras Brasileiras*. Op. cit. p. 226-7.

⁴³ ID. IB., p.227

Médicas brasileiras no século XIX

O ponto sorteado foi 'Direito do Cidadão para com o Estado' e discorrendo sobre ele Ermelinda encontrou meios de falar nas conquistas sociais a que a mulher tinha direito, no que foi contrariada por Sílvio Romero, estabelecendo-se, entre ambos, renhida polêmica. O exame de Latim já foi mais sereno.⁴⁴

Até a idade de 84 anos, a doutora viveu em Niterói, no Rio de Janeiro, à rua Presidente Domiciano, 186 numa casa em cuja porta havia uma placa com os dizeres: *Doutora Ermelinda. Operações, Partos, Moléstias das Senhoras e das Crianças.*

Essas ocorrências não se verificaram apenas no Brasil. Em Buenos Aires, Cecília Guierson, futura primeira médica argentina, foi recebida pelos colegas homens *com profunda zombaria* o que lhe dificultava os estudos.

Nos Estados Unidos, as estudantes de medicina eram vaiadas quando passavam e, muitas vezes lhes atiravam pontas de cigarro e bolinhas de papel no rosto. Quanto à atitude das outras mulheres, conta-se que as funcionárias do Geneve College afastavam-se *com asco* quando avistavam Elizabeth Blackwell, considerando que dama alguma possuidora de um pouco de decência não devia expor às coisas horríveis, ensinadas nas escolas médicas.⁴⁵

Em 1847, Elizabeth Blackwell (1821-1910), inglesa de nascimento, vivendo com sua família nos Estados Unidos, rompeu com a tradição que excluía as mulheres da medicina

depois de longa peregrinação – recorreu a onze escolas médicas, antes de obter o direito de se matricular - , conseguiu, com o apoio de um médico Quaker, ser admitida no Geneva College of Medicine, em Nova York.⁴⁶

⁴⁴ ID. IB., p. 215.

⁴⁵ SILVA, Alberto. *A Primeira médica do Brasil*. Op..cit., p. 20.

⁴⁶ MOTT, M.L.B. De educadora à médica: trajetória de uma pioneira metodista. *Revista do Cogeime*, n.º 15, Dez/1999.

A médica era a favor da abolição da escravatura e defensora dos direitos políticos e sociais da mulher e lutava pela elevação do nível de educação feminina. Para ela, ingressar numa faculdade de medicina não era simplesmente uma luta individual, mas uma questão política. Depois de concluir o curso brilhantemente, obtendo as melhores médias entre seus colegas, ainda assim, precisou da ajuda do prof. Joseph Warrigton para que intercedesse junto à administração da faculdade para que lhe fosse outorgado o diploma. Somente em 1865, uma outra mulher, Mary Rogers, conseguiu ingressar no Geneva College of Medicine.

O trabalho desenvolvido pela doutora Blackwell ao longo de sua vida teve grande repercussão não apenas nos Estados Unidos como na Europa. Fundou o New York Infirmary for Women and Children, o primeiro hospital do mundo dirigido por mulheres: Elizabeth e sua irmã Emily Blackwell, formada em 1854 e Marie Zakrzewska (1829-1902). Alemã, três gerações de mulheres na família de Zakrzewska haviam sido parteiras. Apesar de ter sido estimulada por seus professores europeus a estudar enfermagem, Marie Zack, como se tornou conhecida posteriormente, viajou para a América do Norte para estudar medicina.

Em *Woman in White*,⁴⁷ conta-se que Elizabeth Blackwell foi procurada pela estudante Marie Zakrzewska, logo que esta chegara a Nova York, em busca de ajuda para estudar medicina. A estudante teria recebido todo o apoio da dra. Blackwell conseguindo obter o diploma de médica em 1856.

Por volta de 1857, o hospital fundado por Elizabeth Blackwell passa a receber mulheres médicas formadas para fazerem residência médica, uma vez que essa oportunidade era negada às médicas por todos os hospitais dos Estados Unidos, o que representava um sério impedimento ao desenvolvimento de suas carreiras. O New York Infirmary for Women and Children

⁴⁷ MARKS, Geoffrey & BEATTY, W. K. *Woman in White*. Nova York: Charles Scribners's Sons, p. 87-93.

Médicas brasileiras no século XIX

tornou-se a primeira Escola de Medicina para Mulheres, no período de 1868 a 1899.

Algumas mulheres médicas conquistaram o reconhecimento público no Brasil ou no exterior, enquanto outras viveram e trabalharam num círculo mais restrito. Enquanto grupo minoritário e subalterno, essas pioneiras utilizaram o recurso da competência como arma para ingressar e permanecer num campo masculino por excelência.

Nos anos que antecederam a implantação do regime republicano, o ensino voltado para a instrução feminina era extremamente restrito, uma vez que o objetivo girava em torno da preocupação em prepará-las para que se tornassem boas mães de família, segundo a ideologia vitoriana da domesticidade que impregnava a mente da intelectualidade brasileira. Por volta de 1880, a sociedade brasileira não valorizava a educação das mulheres, como vimos. Almeida afirma que, “do total das mulheres, quase dois terços eram analfabetas, embora o mesmo acontecesse com a população em geral”.⁴⁸

O sistema de ensino oficial estava estruturado de maneira a oferecer uma formação mais adequada aos estudantes do sexo masculino, enquanto se mostrava extremamente deficiente para as moças. Na prática, o sistema de ensino destinado às mulheres brasileiras, naquela época, apresentava vários mecanismos de exclusão. Obviamente, o sistema de ensino refletia as imagens de gênero construídas - *com o selo do parecer médico*, como mostra Sohiet, e que

destacava a sua fragilidade física, de onde decorriam sua delicadeza e debilidade moral. Por injunções da natureza, era considerada como inferior ao homem, inferioridade que

⁴⁸ ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e Educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Unesp, 1998, p. 56.

se manifestava pelo predomínio das ‘faculdades afetivas’,
tornando-a mais ‘sentimental’ que ‘filósofa.’⁴⁹

No decorrer do século XIX, as meninas não podiam freqüentar o ensino oficial ministrado no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, o que só aconteceu no século XX, portanto, alguns anos já transcorridos desde a Reforma Leôncio de Carvalho. Em contraste com outras escolas particulares, o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, seguramente, era o que oferecia o melhor ensino da época. Saffioti afirma, em seu livro pioneiro que a educação secundária feminina se fazia, então, quase exclusivamente em colégios confessionais, alguns dos quais protestantes e a maioria católicos.⁵⁰

Sendo assim, os colégios particulares valorizavam principalmente as virtudes femininas pautadas na religiosidade e, desse modo, a instrução era praticamente nula vigorando o ensino de trabalhos manuais principalmente os de agulha. Observa-se que não se tratava de investir na profissionalização das mulheres, mas na manutenção dos princípios morais vigentes na sociedade brasileira. Por esta razão, a escola normal surgida como instituição de ensino marcadamente profissional, constituía-se, por outro lado numa das poucas oportunidades de continuação dos estudos pela mulher”.⁵¹

As moças interessadas em ingressar na medicina e que, evidentemente, discordavam vivamente das proibições a elas impostas no que diz respeito ao ingresso nas profissões liberais alardeavam que a medicina adequava-se sim às mulheres até pelos padrões relativos à tradição de que os cuidados do corpo da mulher e da criança eram encargos femininos.⁵²

⁴⁹ SOIHET, Raquel. *Condição feminina e Formas de Violência: mulheres pobres e ordem urbana – 1890-1929*. Rio de Janeiro: Forense, 1989, p. 114.

⁵⁰ SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes...* op. cit. p. 203.

⁵¹ ID., IB., pp.194-196.

⁵² SOIHET, Raquel. *Condição Feminina...* op. cit. 172.

Médicas brasileiras no século XIX

Portanto, vimos que as mulheres se defrontaram com os problemas ligados à segregação sexual existente no sistema de ensino do império e também no regime republicano. Durante a República Velha havia o predomínio da Igreja Católica exercendo, através dos seus membros, as atividades de ensino. Neste particular, não houve quebra dos padrões educacionais. Ademais, havia carência de escolas normais e o ensino dirigido às moças nos colégios religiosos

constituía sério obstáculo à profissionalização feminina. Não sendo esses colégios equiparados aos oficiais, nem davam acesso direto aos cursos superiores, nem permitiam a realização de outros cursos de caráter eminentemente profissional.⁵³

O positivismo, como sabemos, também exerceu uma grande influência sobre os intelectuais brasileiros na segunda metade do século XIX. Augusto Comte acreditava na complementaridade dos sexos e defendeu ao longo de sua existência o mito da inferioridade física e intelectual da mulher. Entretanto, em seu sistema as moças deveriam receber uma educação adequada para que fossem boas mães, já que a elas caberia educar os homens tornando-os cidadãos dignos.

Os editoriais da *Revista Feminina* de 1923 atestam que essa discussão se prolongou até as primeiras décadas do século XX. Na opinião das editoras dessa revista, as mulheres deveriam aprender

em escolas apropriadas, as normas mais acatadas da higiene pedagógica para que possam mais utilmente preparar as gerações do futuro. Dil-o doutamente Ramalho Ortigão⁵⁴: ‘A valia de uma geração depende da educação

⁵³ ID., IB., p. 215.

⁵⁴ José Duarte Ramalho Ortigão foi professor e jornalista. Escreveu em parceria com Eça de Queiroz, *O Mistério da Estrada de Sintra e As Farpas*.

que receber das mães. O homem é ‘profundamente’ filho da mulher, diz Michelet. Sobretudo pela educação”⁵⁵.

Ainda que o positivismo, com sua teoria da diferença biológica entre homens e mulheres não tivesse reservado um lugar para a emancipação da mulher, ao menos lhe deixara um lugar no plano da educação, ainda que fosse para poder educar os homens.

A inserção das mulheres na medicina foi um processo lento e difícil e muitos obstáculos tiveram de ser removidos até que as primeiras médicas, no mundo todo, fossem reconhecidas tanto pelos médicos como pela sociedade em geral.

No Brasil, algumas vozes masculinas se mostraram sensíveis a abertura do ensino médico às mulheres. Rui Barbosa considerou-a a maior e a mais árdua das reformas quantas necessita o país. Apresentou em 1882 vários pareceres à Câmara do Império, publicados nos *Anais do Parlamento* em 1883, afirmando:

A comissão aplaude a idéia, inaugurada entre nós praticamente pelo decreto, de abrir as portas do ensino médico ao sexo feminino. Força era desprezar os antigos preconceitos, que se opunham a essa inovação, e ceder concludentíssimo exemplo de países como especialmente os Estados Unidos e a Rússia, onde a preparação da mulher para o exercício da medicina é admitida hoje na mais larga escala”. Após comentário de que a mulher “retórica” seria um dos tipos “menos simpáticos” afirma, “Mas a mulher, amparando e reparando os sofrimentos do enfermo, assumindo a si essa função de caridade em toda a sua plenitude, é uma das imagens mais formosas e uma das criações mais úteis que a civilização contemporânea tem realizado, promovendo-a de simples enfermeira, ou empírica, a clínica estudiosa e graduada.”⁵⁶

⁵⁵ *Revista Feminina*, ano X, n.º 107.

⁵⁶ BARBOSA, Rui. *Obras Completas. Reforma do Ensino Secundário e Superior*, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro: 1942, p.XIV.

Médicas brasileiras no século XIX

Nos Estados Unidos, Europa ou Brasil, a inserção e o reconhecimento profissional das médicas concretizar-se-iam somente a partir da segunda metade do século XIX, mesmo assim cercados de muitas restrições e desconfianças, não somente por parte dos médicos, mas da sociedade em geral. Como sempre, as mulheres que investiram na profissão de médicas, desde o final do século XIX, foram muito pressionadas não apenas pelos homens, mas também por outras mulheres, às vezes, familiares que entendiam ser esta uma profissão masculina e imprópria para o sexo feminino. Afinal, o imaginário cultural do século XIX nos países estrangeiros e no Brasil foi marcado pelas idéias do determinismo biológico.

A medicina ocidental representa um fenômeno histórico produzido e reproduzido ao longo de sua história, enquanto campo dominado por homens e locus privilegiado das contradições de gênero. Na verdade, a hegemonia masculina, em qualquer campo profissional considerado, produz uma hierarquia de poderes e de saberes dominantes. Portanto, não se pode falar em neutralidade no que diz respeito ao movimento histórico de inserção das mulheres no campo da medicina. É preciso lembrar também que as relações de poder que se estabelecem no campo médico estão vinculadas às outras dimensões que estruturam a realidade social, ou seja, a classe, o gênero e as etnias.

Como já foi dito, seguindo a vanguarda das duas jovens que estudaram no exterior, destacam-se Rita Lobato Velho Lopes, Ermelinda Lopes de Vasconcelos, Antonieta César Dias, Francisca Barreto Prager, Amélia Pedroso Benebian, Maria Renotte para citar alguns nomes dessas pioneiras que lutaram, viveram e praticaram a medicina na virada do século XIX e nas décadas iniciais do século XX no Brasil.

As primeiras médicas exerceram um papel histórico revolucionário se considerarmos que elas reverteram as pressões sociais ampliando o espaço público destinado às mulheres, demonstrando coragem, capacidade intelectual e se afirmando cada vez mais no campo através da competência.

Desmascarando as supostas teorias científicas vigentes à época, positivistas, evolucionistas e higienistas todas defensoras da inferioridade da mulher, da sua debilidade moral e intelectual, as pioneiras da medicina exerceram acentuada pressão política no sentido de criar as condições do que entendo ter sido o **momento de ruptura** do mundo masculino da medicina, momento no qual me detive neste estudo.

Concluindo, gostaria de mencionar uma questão que me parece importante. As famílias das médicas, aqui apresentadas, gozavam de independência econômica para enfrentar o desafio aos costumes sociais daquela época. Isto nos mostra que a origem social das primeiras médicas também representou um fator relevante na ousadia dessas mulheres, que penetraram num universo no qual o poder masculino se fazia ostensivamente presente.

Médicas brasileiras no século XIX

Elisabeth Juliska Rago